



Data: 20.08.2020

Título: Carlos Fiolhais escreve sobre o filósofo do Manicómio Contemporâneo

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;22;23



Carlos Fiolhais escreve sobre o filósofo do Manicómio Contemporâneo

// PÁGS. 22-23

Área: 1290cm² / 49%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6922722



Data: 20.08.2020

Título: Carlos Fiolhais escreve sobre o filósofo do Manicómio Contemporâneo

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;22;23



Livro

Um filósofo resistente

No seu mais recente livro, João Maurício Brás continua o ataque a um rol de ideias pós-modernas que se têm espalhado pelo globo.

CARLOS FIOLHAIS
mais@online.pt

João Maurício Brás (JMB), doutorado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, foi discípulo de Fernando Gil. Conheci-o através do Onésimo Teotónio de Almeida, professor da Universidade Brown, nos Estados Unidos, e ensaísta, quando me pediram um prefácio para o livro deles *Utopias em Dói Menor. Conversas transatlânticas com Onésimo* (Gradiva, 2012). JMB teve o mérito de chamar a atenção para a mundividência de Onésimo, uma visão que contrasta com a visão pós-moderna que rege hoje em dia no mundo e em Portugal. Continuou a fazer a valorização das ideias do professor da Brown em dois volumes, um analítico e, outro, uma recolha de contribuições: *Identidade, Valores, Modernidade – Pensamento de Onésimo Teotónio de Almeida* (Gradiva, 2015) e *Onésimo – Único e Multimodo* (Opera Omnia, 2015).

JMB já antes tinha publicado *O Pensamento Insuportável de Emile Cioran* (Campo das Letras, 2006), um ensaio sobre as ideias do filósofo franco-romeno; *A Importância da Desconfiança* (Veja, 2010); *O Negativo. A importância do conceito na cultura e na história* (Theya, 2017); e *O Mundo às Avessas. O manicómio contemporâneo* (Opera Omnia, 2018), um ataque cerrado à pós-modernidade. Logo os títulos de algumas seções são elucidativos: "Em todo o homem que come carne há um violador e um pedófilo", "Os direitos de autor dos macacos", "A homossexualidade e a salvação da Terra" e "O pénis é uma construção social". Ri-me muito, apesar de ser uma tragédia.

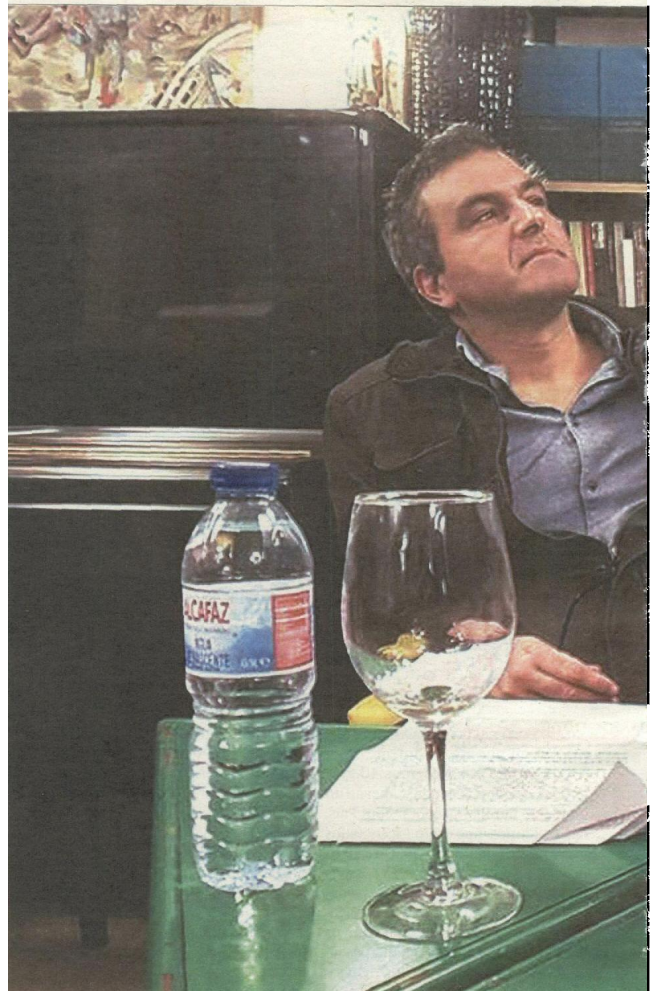
JMB publicou há meses um novo livro, *Os Democratas que Destruíram a Demo-*

cracia (Opera Omnia, 2019), onde continua o ataque a um rol de ideias pós-modernas que se têm espalhado pelo globo. Concorro na maioria das vezes com as objeções que JMB levanta a essa ideologia dominante e à sua estapafúrdia linguagem. Concorro em particular quando ele diz que "a crença de que tudo é possível e nada é verdadeiro, praticada pelos progressistas, é o que nos resta quando já não acreditamos em mais nada" (pág. 9). O relativismo é a negação do pensamento científico: não está tudo certo porque a ciência busca e descarta os erros, distinguindo as afirmações certas das erradas. E mesmo fora da ciência: não é a mesma coisa Shakespeare, que já cá está há séculos, e um escriba qualquer que acabou agora de chegar.

Deixo três excertos do novo livro, para que o leitor perceba melhor. O primeiro é: "O civilizado descobriu que a cultura ocidental afinal era obsoleta e má, racista, machista, sexista, homofóbica, patriarcal, heteronormativa e egofalocêntrica. (...) Descobrimos o fim da história, o fim do homem, o fim da metafísica, que a ciência é ideologia, que não há verdade, nem objetividade, nem realidade, que tudo é cultural, político e construção social" (pág. 10).

O segundo: "E este é o tempo do estatuto superior da opinião. Aboliu-se o legado da religião, dos grande romances, dos tratados filosóficos, dos intelectuais verdadeiros e temos o predomínio da opinião. Não é a opinião de A ou B, mas a opinião que circula como conhecimento e esta é a substância da ideologia progressista" (pág. 77).

E o terceiro: "A lengalenga do novo mundo neoprogressivo diz-nos que não há verdade, mas apenas verdadezinhas, tonali-



dades que refletem o que funciona, como pregam os neoprogressivos" (pág. 171).

JMB está a falar daqueles que veem racismo e machismo em todo o lado, dos que trocam um facto por qualquer opinião, dos que inventaram a "pós-verdade". Entre eles estão aqueles que querem reescrever a História por esta ter sido escrita por "homens brancos de meia-idade". Estão nesse grupo os que querem derrubar a estátua do Padre António Vieira em Lisboa e os que recusam um Museu das Descobertas.

JMB usa uma linguagem forte para descrever o mundo em que vivemos, onde

essas vozes imperam, amplificadas pela internet: "Transformámos o mundo numa fusão indistinta de casino, manicómio e supermercado. Nada de novo. Todos os tempos têm os seus delírios e os seus proclamos. A novidade reside na capacidade tecnológica e científica inédita que transformou totalmente o nosso modo de vida" (págs. 10-11). É uma linguagem que eu não usaria, mas que ele tem todo o direito de usar. Insiste na imagem do manicómio, que será, segundo ele, governado pelos próprios doentes: "A pós-modernidade é, em muitos dos seus aspectos propagandeados, a visão de um conjunto de loucos sem profundidade que exaltam as suas taras particulares. Novos radicalismos e fundamentalismos com os seus messianismos e escatologias laicas bloqueiam totalmente a lucidez, a razão e a sensatez" (pág. 18).

O autor sustenta-se em Cioran: "Escrevia Cioran que lhe bastava ouvir alguém falar sinceramente de ideal, de futuro, ouvi-lo dizer 'nós' com um tom de segurança, invocar os 'outros' e sentir-se seu intérprete, para que o considerasse não só um perigo como um inimigo. É essa a matéria de que são feitos os carrascos e os tiranos, que dividem a humanidade entre os puros e os ímpios" (pág. 23).

JMB acusa o norte-americano Richard Rorty de se ter "transformado num culturalista relativista ignorante e cínico.

O autor usa uma linguagem forte para descrever o mundo de hoje, em que as vozes são amplificadas pela internet

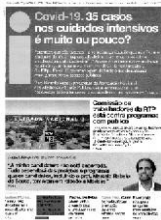
Para JMB, "este é o tempo do estatuto superior da opinião" – opinião que depois circula como conhecimento

Área: 1290cm² / 49%

FOTO Titragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 6922722



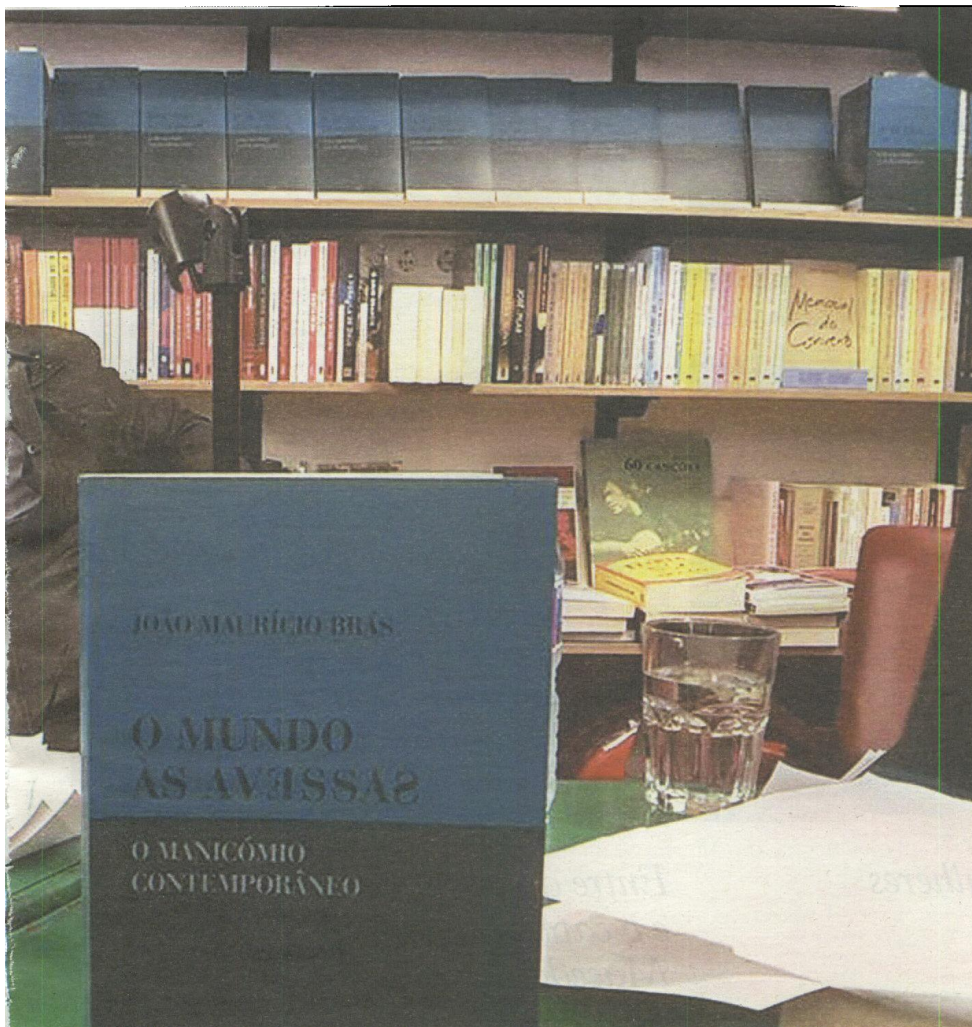
Área: 1290cm² / 49%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6922722



João Maurício Brás é doutorado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa e investigador no CLEPUL, da Universidade de Lisboa

FACEBOOK MENINA E MOÇA



vai mais longe ao afirmar que as políticas identitárias, ligadas à vitimização, estão a destruir a democracia. Refere, como exemplo, a existência na Universidade de Yale de pós-graduações em Gestão só para gays.

Lembrando as distopias de Huxley, Orwell e Houellebecq, JMB fala da opressão que o pensamento dominante procura exercer através da linguagem: "A ditadura do pensamento pós-moderno progressista existe. É gente boa, culta, inteligente, reproduz uma mundividência e as suas pragas como doentes contaminados por uma peste da qual não conseguem fugir" (pág. 52).

Num mundo tolhido pela ideologia e controlado pela linguagem, a democracia está em risco. Segundo o autor, foi "traída". Justifica: "Sabemos que aquilo a que chamamos democracia nos sistemas políticos ocidentais, e considerando a melhor aceção do conceito, já pouco tem de democracia, pois vivemos num simulacro perfeito desse ideal" (pág. 99). E a "traição" foi perpetrada pelos "democratas". Como JMB lembra, Sócrates, o filósofo grego, foi condenado à morte pelos democratas. E, entre nós, há outro Sócrates que ainda não foi condenado, ou só o foi de modo muito leve, por muitos democratas no poder.

Qual será a solução para recompor um "mundo às avessas"? De que precisamos, agora e sempre? Pensamento claro e livre. O pensamento que, há séculos, foi reclamado por Espinosa, citado na abertura do livro. Escreveu o filósofo holandês: "Num Estado Livre, todos os homens podem pensar o que querem e dizer o que pensam".

Não podemos ter medo de pensar. JMB pensa o que diz e diz o que pensa. Homem livre, resiste a uma vaga que engoliu muita gente. Oxalá continue a fazê-lo.

Como todos o são" (pág. 29). JMB tem um estilo provocador. Encontrei-me várias vezes a concordar com o que ele dizia, mas não com a maneira como ele o dizia. Não sei se todos os relativistas são cínicos, quero acreditar que alguns sejam apenas ingénuos.

E também se mete – e bem – com o filósofo francês Bruno Latour. Quando se descobriu que o faraó Ramsés II tinha morrido de tuberculose, Latour discordou, uma vez que o bacilo da tuberculose só foi descoberto por Koch em 1882. Antes dessa descoberta, não poderia existir a bactéria... Chama-se a isto "construtivismo": as coisas não existem, têm de ser inventadas. Não há uma realidade, mas sim, e tão-só, construções mentais.

Os maniqueístas que dividem o mundo entre esquerda e direita notarão que JMB cita pensadores conotados com a direita como John Gray (filósofo político inglês que gosto de ler, apesar de não partilhar o seu ultrapessimismo), Roger Scruton (filósofo conservador inglês, falecido há pouco) e Jordan Peterson (psicólogo norte-americano, com fama de guru). Esses e outros autores, alguns conotados com outras bandas do espectro político, têm o mérito de nos fazerem pensar, qualquer que seja a nossa posição ideológica. Falo por mim: gosto de ouvir os argumentos dos que têm convicções opostas

às minhas. De resto, a divisão entre direita e esquerda é hoje questionável. Uma pessoa pode ter certas ideias em geral atribuídas à direita e outras em geral atribuídas à esquerda. Concordo com JMB quando ele diz: "É bom lembrar que as grandes questões do século XXI não são entre a esquerda e a direita, o centro e os extremos, os democratas e os fascistas, mas entre lucidez, razoabilidade e sensatez e ignorância ou mesmo imbecilidade disfarçada de ilustração, irracionalidade e emotividade" (pág. 47).

O problema com Trump e Bolsonaro não é serem de direita – ou "fascistas", como

alguns dizem, esquecendo que essa categoria pertence a um contexto histórico – , mas sim serem ignorantes, fazendo contínuo e amplo alarde da sua ignorância. Basta olhar para a sua reação à atual epidemia: os seus países estão no topo da lista das vítimas, em boa parte devido à sua desvalorização do vírus.

JMB desmonta o modo como a linguagem do "politicamente correto" é usada para tentar o controlo mental: "A novilingua progressista é o novo idioma oficial" (pág. 47). Ilustrando este controlo, conta logo no início que o corretor ortográfico lhe queria emendar a expressão "pessoas normais e comuns", avisando que devia ser inclusivo, isto é, pretendia que escrevesse "pessoas normais e anormais, comuns e não comuns".

Uma das táticas dos "progressistas" é a vitimização. Escreve JMB: "Ser vítima é ser civilizado. É criminoso ou suspeito quem não é vítima de qualquer opressão, presente ou passada. A leitura caricatural da dialética do senhor e do escravo é a única chave para a compreensão da história e vai repetindo diversos protagonistas em variáveis infinitas. Os alunos são vítimas dos professores, as crianças dos adultos, os negros e os ciganos dos brancos, os homos dos hétéros, os democratas dos fascistas, os ateus dos crentes, os vegans dos animalistas, etc." (pág. 178). Mas o autor

Os maniqueístas que dividem o mundo entre esquerda e direita notarão que JMB cita pensadores conotados com a direita

Para o autor, uma das táticas usadas por aqueles a quem chama "progressistas" é a vitimização